

As xorcas de ouro do Castro Senhora da Guia, Baiões (concelho de São Pedro do Sul, Portugal)¹

Philine Kalb *

Resumo

Apresentam-se as três xorcas de ouro do Castro de Nossa Senhora da Guia de Baiões, São Pedro do Sul, encontradas fortuitamente em 1948, e que agora fazem parte do espólio do MNA. A autora refere, criticamente, as várias cronologias a elas atribuídas, e acrescenta uma nova hipótese, que se baseia em paralelos tipológicos de xorcas em bronze, da época do Bronze Médio na área do Mar Báltico e do Leste da Europa Central.

Abstract

Three golden rings are published, which were occasionally found, in 1948, in the Nossa Senhora da Guia de Baiões hill fort, near São Pedro do Sul. The author revises the different chronologies applied to them and suggests a new hypothesis, which is based on comparisons with Middle Bronze Age bronze rings from the Baltic Sea and the East of Central Europe.

¹ O texto original alemão foi publicado no volume de Homenagem a Wilhelm Schüle - *Festschrift für W. Schüle zum 60. Geburtstag*. Marburg. (Veröffentlichungen des Vorgeschichtlichen Seminars Marburg; Sonderband 6. Internationale Archäologie; 1).

Agradecemos a tradução para português a Fernanda Cordoeiro Voges, Porto.

* Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa. Av. da Liberdade, 244, 7.º - 1250 Lisboa.

As xarcas do ouro do Castro Senhor da Guis Baixes (concelho de São Pedro do Sul, Portugal)

Resumo: Este artigo apresenta uma análise crítica da obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis.

Abstract: This article presents a critical analysis of the work of Castro Senhor da Guis, published in 1977, under the pseudonym of Castro Senhor da Guis.

Palavras-chave: Castro Senhor da Guis, literatura portuguesa, literatura de guerra.

Keywords: Castro Senhor da Guis, Portuguese literature, war literature.

Introdução: O presente artigo tem como objectivo analisar a obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis.

1. O contexto da obra: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

2. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra. A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra. A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

3. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

4. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

5. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

6. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

7. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

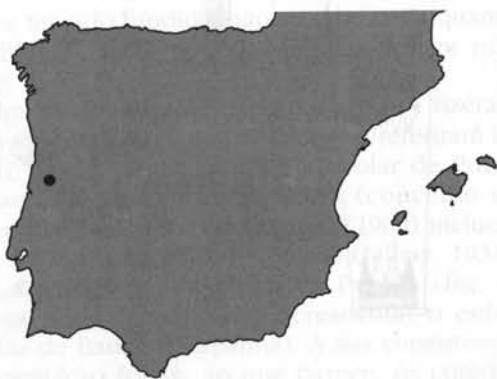
8. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

9. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

10. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

11. A obra de Castro Senhor da Guis: A obra de Castro Senhor da Guis, publicada em 1977, sob o pseudónimo de Castro Senhor da Guis, é uma obra de guerra.

Em 1948, durante os trabalhos de abertura de um caminho, foram encontrados no Castro Senhora da Guia, em Baiões², três xorcas de ouro com um peso total de 1,559 kg, as quais se encontram hoje no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) em Lisboa, com os números de inventário 288, 289 e 290 (fig. 1). Até ao momento ainda não foram estudadas³.



Trata-se de três jóias - duas maiores, vulgarmente designadas por 'torques', e uma menor, designada por bracelete - todas elas de ouro maciço. Ambos os 'torques' apresentam decoração, aplicada provavelmente com punção; o bracelete é liso.

O 'torques' 1 (n.º inv. 288), um pouco mais ricamente decorado, tem um diâmetro interior de aproximadamente 12 cm, um diâmetro máximo de 13,9 cm e pesa 582,5 g. As suas extremidades são em forma de lente, sendo a sua deco-

² Bibliografia sobre Baiões: Kalb (1977, 1978 e 1979); Silva (1976, 1979 e 1980); Silva [et al.] (1984).

³ As xorcas estão ilustradas em Parreira; Pinto (1980, figs. 65 e 66); bem como em Silva (1986, est. 108, 1 e 2; est. 116, 5).

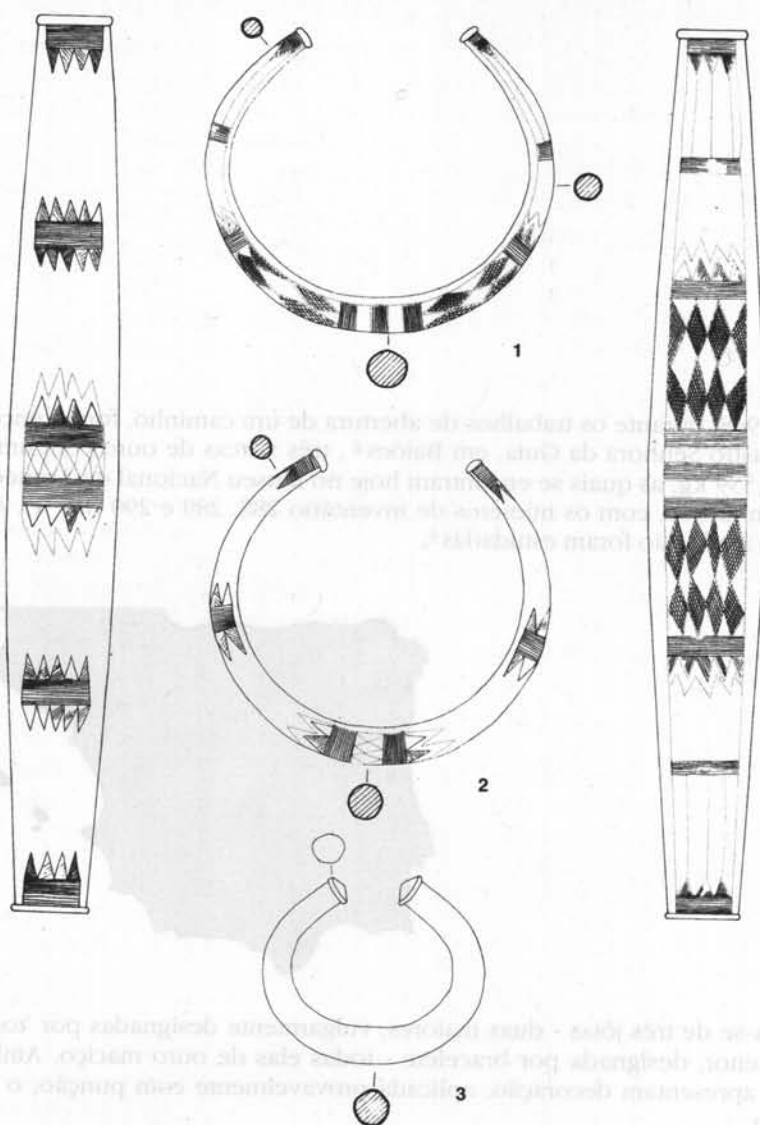


Fig. 1 – Tesouro de Baiões, concelho de São Pedro do Sul. 1 - Inv. MNA 288. 2 - Inv. MNA 289. 3 - Inv. MNA 290. Esc. 1:3.

ração constituída por conjuntos de traços, seguidos de triângulos ou rombos reticulados intercalados.

O 'torques' 2 (n.º inv. 289), não tão ricamente decorado, apresenta um diâmetro interior de aproximadamente 11,5 cm e diâmetro máximo de 13,5 cm.

Pesa 591,6 g e as extremidades são também em forma de lente. A sua decoração é igualmente constituída por conjuntos de traços, seguidos de triângulos horizontais. Não apresenta rombos reticulados.

O bracelete 3 (n.º inv. 290) não apresenta decoração. O seu diâmetro interior é de 6,2 cm, o diâmetro máximo é de 8,8 cm e o peso de 385,3 g. As suas extremidades são em forma de cone achatado.

Não se sabe nada relativamente ao contexto destes objectos.

Estas peças de Baiões encontram o seu melhor paralelo na Península Ibérica no tesouro de Berzocana, província de Cáceres, Espanha (fig. 2). Foi encontrado em 1961 e, desde então, estudado já várias vezes⁴.

É constituído por duas xorcas maciças, decoradas, semelhantes aos dois 'torques' de Baiões; uma terceira peça desapareceu.

Como no caso de Baiões, estas xorcas não são exactamente iguais entre si. O primeiro 'torques'⁵ (fig. 2, n.º 1) apresenta decoração mais rica. Possui um diâmetro de 15 cm e pesa 950 g. As extremidades apresentam a forma de um cogumelo pouco acentuado. Os ornamentos consistem em conjuntos de traços, seguidos de triângulos e rombos reticulados.

O segundo 'torques' (fig. 2, n.º 2) tem um diâmetro de 14 cm e pesa 750 g. As suas extremidades são planas. A decoração consiste em conjuntos de traços, parcialmente intercalados por um padrão em forma de espinha de peixe, seguido de triângulos. Não aparecem rombos nem retículas. A decoração tem um aspecto muito gasto.

A presumível terceira xorca deve ter sido fundida; não se sabe nada quanto ao seu tamanho e forma (Callejo; Blanco, 1960, p. 250). As jóias tinham sido colocadas numa bacia de bronze (fig. 2, n.º 3).

Aquando do estudo dos achados de Berzocana, os vários autores fizeram um apanhado deste tipo de achados da Península Ibérica. Todos se referiram ao 'torques' de Sintra (fig. 3) (Reinach, 1925; Hawkes, 1971), ao colar de Portel (Évora) (Reinach, 1925), e ao bracelete de Cantonha, Costa (concelho de Guimarães) (Cardozo, 1957). Callejo e Blanco (1960) e Almagro (1969) incluem na lista o 'torques' e o bracelete de Álamo (concelho de Moura) (Jalhay, 1931). Almagro (1969) menciona ainda a desaparecida xorca de Penela (fig. 4) (Reinach, 1925), e Almagro Gorbea pode já, em 1974, acrescentar o então recente achado de Sagrajas (província de Badajoz, Espanha). A sua consistência em ouro maciço e o tipo de ornamentação foram, ao que parece, os critérios para a listagem destas peças. As jóias de Álamo (concelho de Moura) constituem a única excepção; não são maciças. É ainda de referir o fragmento da parte do fecho de um colar que se encontra no MNA de Lisboa⁶.

⁴ Bibliografia sobre Berzocana: Callejo; Blanco (1960); Almagro-Basch (1967 e 1969); Almagro-Gorbea (1974 e 1977).

⁵ Os números de inventário das xorcas de Berzocana nunca são referidos. Quase todos os trabalhos citados na nota 4 designam por 'torques' 1 o maior, mais pesado e mais ricamente decorado e por 'torques' 2, o outro. Só em Almagro (1969) é o inverso. Nós seguimos a maioria dos autores. Para o torques 1 é dado um diâmetro de 15 cm, e de 14 cm para o torques 2, o que coincide só aproximadamente com as medidas dos desenhos publicados.

⁶ N.º inv. 281; o local de achado é o "Alentejo", sem precisar onde; adquirido por um ourives.

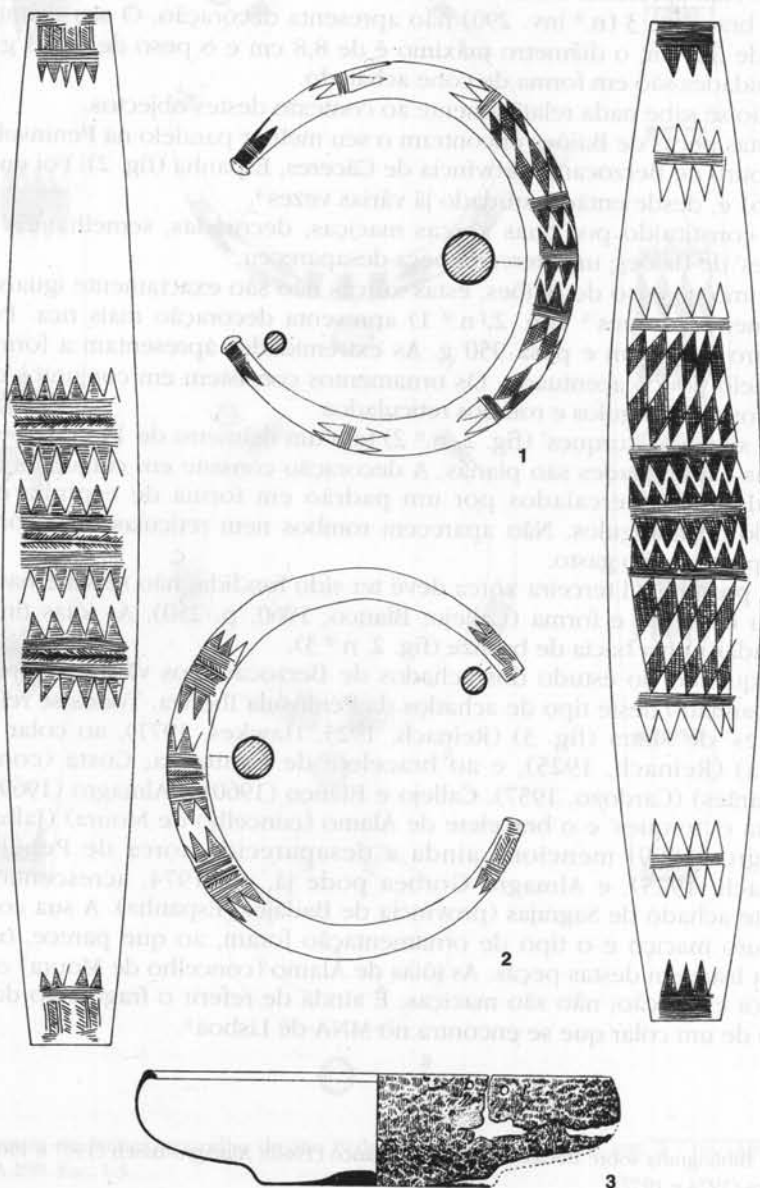


Fig. 2 – Tesouro de Berzocana, província de Cáceres. Esc. 1:3.

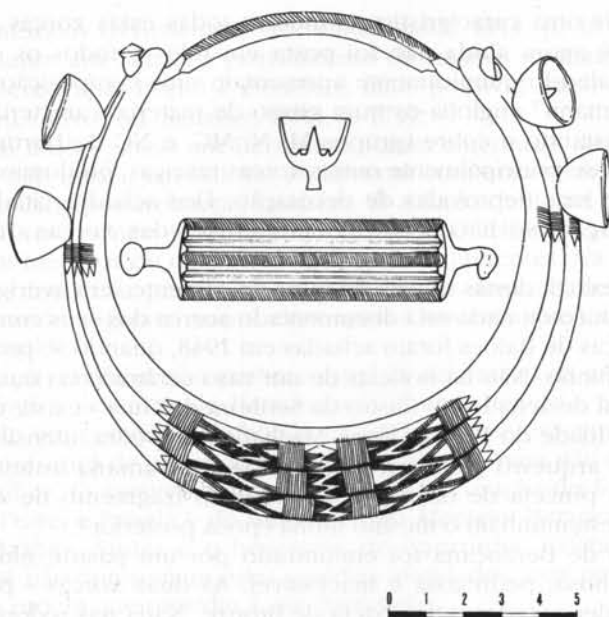


Fig. 3 – 'Halskragen' de Sintra. Esc. 1:2.

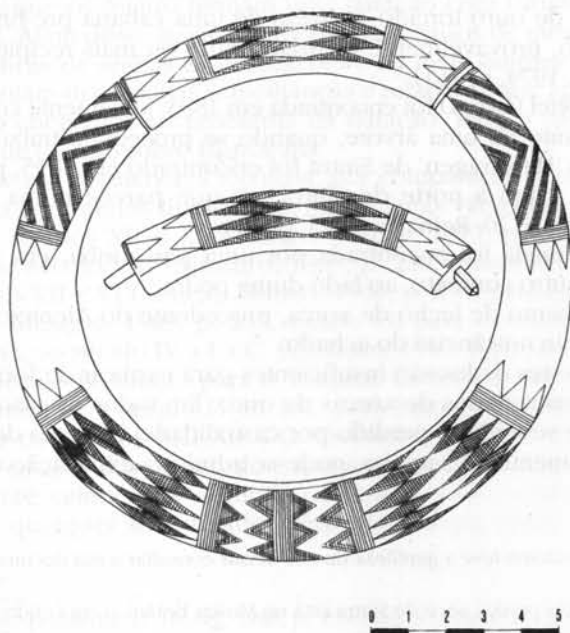


Fig. 4 – Xorca de Penela. Esc. 1:2.

Existe mais uma característica comum a todas estas xorcas da Península Ibérica que até agora ainda não foi posta em relevo: todos os objectos cujo material foi analisado quimicamente apresentam uma composição muito semelhante. A. Hartmann⁷ engloba-os num grupo de material caracterizado por elevado teor de estanho e cobre (grupos M, N, MC, e NC de Hartmann). Nestes grupos incluem-se principalmente outras xorcas maciças, predominantemente de secção circular, mas desprovidas de decoração. Dos achados citados que apresentam decoração, só não foram feitas análises das xorcas de Sintra e de Penela⁸.

A função exacta destas xorcas de ouro dificilmente será averiguada, devido ao facto que pouco ou nada está documentado acerca dos seus contextos.

As três peças de Baiões foram achadas em 1948, quando se procedia à abertura de um caminho. Não há notícias de um vaso cerâmico ou outro recipiente. Quanto ao local de achado - o Castro da Senhora da Guia - existe uma profusão de material da Idade do Bronze Final. Machados de pedra, utensílios de sílex e uma placa de arqueiro testemunham ocupação humana anterior no local, enquanto uma pinceta de bronze e um suposto fragmento de *dolium*, entre outras coisas, testemunham o mesmo numa época posterior⁹.

O tesouro de Berzocana foi encontrado por um pastor, em 1961, numa região montanhosa, pedregosa e inacessível. As duas xorcas - possivelmente três - estavam depositadas numa bacia de bronze. Nada nas redondezas aponta no sentido da existência de um povoado pré-histórico (Callejo; Blanco, 1960, p. 250).

O tesouro de Sagrajas que, para além de um colar formado por duas xorcas juntas, decoradas, incluía ainda quatro braceletes de secção circular e dois fragmentos de arame de ouro torcido, provém de uma cabana pré-histórica. Estava enterrado no chão, provavelmente guardado num ou mais recipientes de barro (Almagro-Gorbea, 1974, p. 261).

A xorca de Portel (Évora) foi encontrada em 1883, juntamente com duas outras mais pequenas, junto de uma árvore, quando se procedia a trabalhos agrícolas.

Consta que o 'Halskragen' de Sintra foi encontrado em 1895, perto do Casal de Santo Amaro, 2 km a norte de Sintra, ao que parece numa cista de lajes (Vasconcelos, 1896, p. 20; Reinach, 1925, p. 124).

A xorca de Penela foi encontrada por uma pastorinha, em 1883, quase à superfície e sem outro contexto, ao lado duma pedra.

Sobre o fragmento de fecho de xorca, procedente do Alentejo, não há notícia nenhuma das circunstâncias do achado.

Como se vê, estes dados são insuficientes para explicar de forma satisfatória e unitária os nossos achados de xorcas de ouro. Em todos os casos é de excluir a hipótese de que se tenham perdido por casualidade. No caso dos achados de Baiões e principalmente de Sagrajas, pode-se admitir a explicação de se tratar de

⁷ Em 1973 A. Hartmann teve a gentileza de nos deixar consultar a sua documentação relativa a estas análises.

⁸ O colar de Penela perdeu-se; o de Sintra está no Museu Britânico em Londres, não tendo sido possível dispor dele para Hartmann o analisar.

⁹ Vide bibliografia, nota 2; está em preparação a publicação de mais material de achados proveniente de Baiões.

tesouros domésticos (Hausschatz) (cf. Schuchhardt, 1914, p. 46; 1943, p. 132 e 171), mas quanto aos achados provenientes de regiões montanhosas ou isolados, como Berzocana, Portel e Penela é mais possível tratar-se de tesouros escondidos ou votivos (cf. Schauer, 1983, p. 179).

Tanto em Baiões como em Berzocana foram enterradas duas xorcas semelhantes, mas não iguais; em Baiões, juntamente com uma terceira, sem decoração, em Berzocana possivelmente também. O achado de Portel parece ter constado de três xorcas não totalmente idênticas. O 'Halskragen' de Sintra é composto por três aros de tamanhos ligeiramente diferentes. Na minha opinião, isto pode-nos induzir a pensar que a composição dos achados não é casual, antes corresponde, digamos assim, a um apetrechamento que tinha por base um significado ritual¹⁰.

A decoração também não parece casual. A decoração da zona central é de tal modo idêntica nos aros de Berzocana 1, Portel, Penela e Sagrajas (fig. 5), que, ou existe um conteúdo simbólico que a prescreve exactamente, ou então estamos em presença de peças de uma mesma oficina, para não dizer mesmo de um único artífice. O mesmo se aplica quanto à decoração do fecho das xorcas de Sagrajas, Portel e Penela e do fragmento do Alentejo. Berzocana 2, ambas as xorcas de Baiões, Sintra e o bracelete de Cantonha, Costa (concelho de Guimarães) já não apresentam estas estreitas afinidades, mas permitem também reconhecer a ordem que presidiu à sua decoração.

De tudo o que foi exposto se depreende que considero provável que as peças tenham uma cronologia comparativamente semelhante. Já seria demasiada coincidência existirem dois exemplos (por um lado Baiões 1 e 2, e por outro lado Berzocana 1 e 2) de duas xorcas depositadas em conjunto, para que se possa admitir que os quatro tenham uma datação com várias gerações de diferença entre si. Além disso, a par dos motivos acabados de mencionar, as características estilísticas de ambas as decorações - da mais simples e da mais complicada - apresentam demasiadas semelhanças e relações entre si.

Com isto chegamos ao problema da datação. Para o caso de Baiões interessa-nos o que foi dito sobre Berzocana.

Com base em pormenores técnicos, por comparação com outros achados e com o auxílio de critérios tipológicos, foram feitas várias propostas de datação, que vão dos séculos XII e X (Almagro-Gorbea, 1977, p. 29, para Berzocana), passando pelo século VIII (Almagro, 1969, p. 287, igualmente para Berzocana), até aos séculos VII e VI (Callejo; Blanco, 1960, p. 254, para Sintra, Portel, Moura e Berzocana; Almagro, 1969, p. 287, século VII para Cantonha, Costa, concelho de Guimarães), ou século IV a I a.C. (Cardozo, 1957, figs. 12-14; século IV-II a.C. para Portel; século IV-III a.C. para o 'torques' de Moura; século III-I para o bracelete de Cantonha, e século IV-III a.C. para Sintra). Recentemente P. Schauer ainda propôs os séculos XIII-XII a.C. (Schauer, 1983). A única coisa em que estes autores estão todos de acordo é que estes objectos eram adornos 'célticos', respectivamente 'celtibéricos' segundo Cardozo¹¹. Esta classificação étnica é descaída. Para qualquer investigador sério da Europa central especializado na

¹⁰ Sobre este problema, cf. (Maier, 1988, p. 150-154). Só depois de terminado este manuscrito tive conhecimento desta publicação.

¹¹ Callejo; Blanco (1960) e Almagro argumentam com esta atribuição étnica inclusive cronologicamente. Almagro Gorbea e Schauer não a refutam.

Cultura Céltica ou La Tène, é evidente que estes objectos não pertencem àquilo que hoje em dia se designa por típicos objectos de adorno célticos¹².

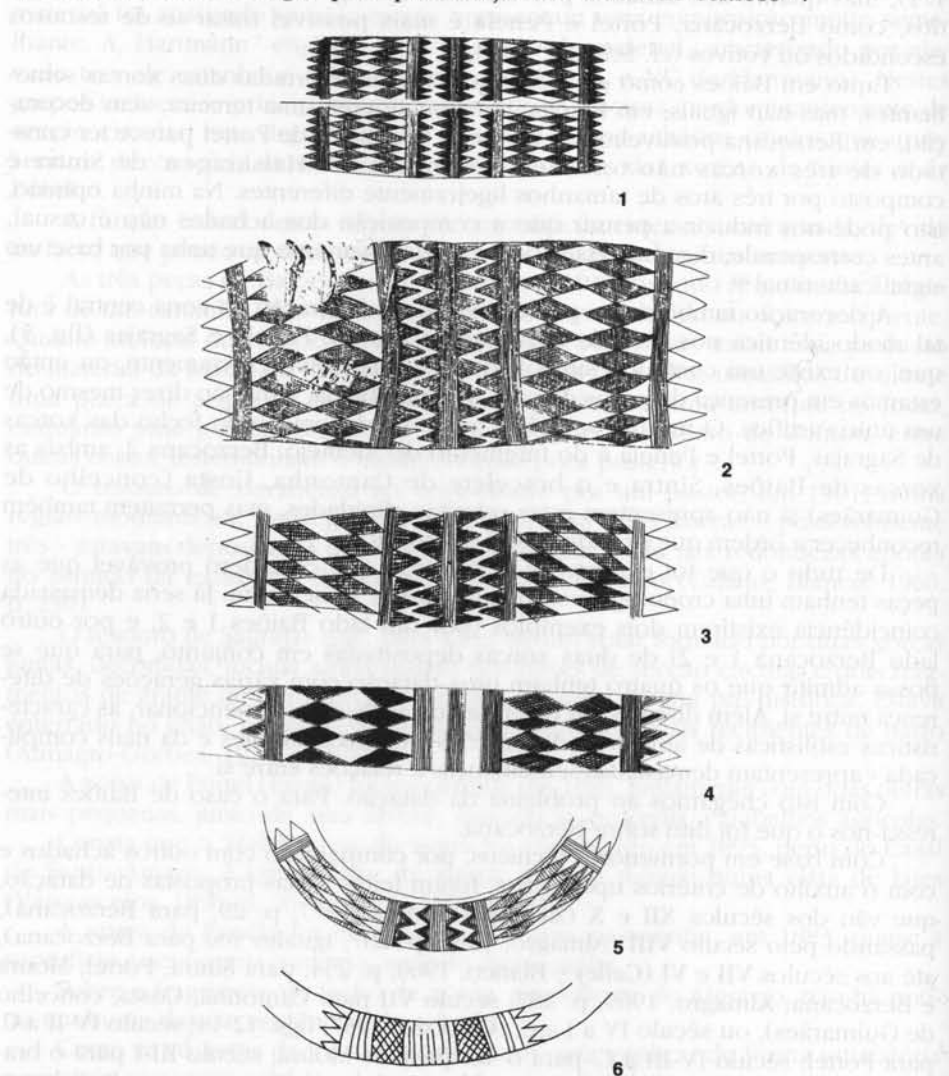


Fig. 5 – Decoração das xorcas de 1 - Sagrajas. 2 - Portel. 3 - Berzocana 1. 4 - Baiões 1. 5 - Penela. 6 - Hinguet.

¹² Não é aqui o lugar apropriado para levantar a questão dos "Celtas na Península Ibérica" e toda a problemática com ela relacionada. Não consigo imaginar que Schauer e Almagro-Gorbea considerem estas xorcas como sendo "célticas" no sentido do actual estado de investigação. Mas o facto de não o terem refutado expressamente contribui uma vez mais para manter vivo ou deixar viver um erro de investigação ou, se se quiser, um estado de investigação completamente ultrapassado. É no mínimo igualmente mau que Chr. Eluère apresente uma fotografia do colar de Portel (concelho de Évora), juntamente com uma outra, do elmo de ouro de Schifferstadt, e do carro de Trundholm, entre outras, sob o título sugestivo "L'Ors des Celtes", Paris, 1987.

As diferentes datações

Callejo e Blanco indicam como ponto de referência para a datação “orfebreria Lusitana del Bronce Final y comienzos del Hierro” (Callejo; Blanco, 1960, p. 253). Segundo estes autores, ambos os ‘torques’ seriam o protótipo, isto é, os exemplares mais antigos dos objectos de adorno típicos da Idade do Ferro da Espanha céltica, chamados ‘torques’!

Os mesmos autores chamam ao ‘torques’ de Sintra uma “variedade Lusitana do ‘Halskragen’ nórdico”. E porque se trataria dos mais antigos exemplares de jóias célticas da Península Ibérica, poder-se-ia datá-los nos séculos VII/VI a.C. O recipiente de bronze seria um elemento mediterrânico, atribuível ao comércio fenício/tartéssico, e teria como modelo recipientes cipriotas feitos em metal repuxado. Este facto só viria reforçar a datação proposta.

Almagro Basch (1967) data o depósito de Berzocana dos inícios da Idade do Bronze Final (Bronze III ou Bronze Final) da Península Ibérica. A bacia de bronze seria uma peça pertencente à cultura dos ‘Urnenfelder’ (campos de urnas). A datação absoluta neste caso seria século IX e século VIII a.C. A peça Berzocana 2 seria um pouco mais antiga que Berzocana 1, porque apresenta extremidades chatas (cortadas a direito), enquanto esta última apresenta extremidades grossas, em forma de lente.

Almagro Basch (1969) põe em causa a origem mediterrânica proposta por Callejo e Blanco para a bacia de bronze. Em sua opinião, poderia muito bem provir da ‘torêutica céltica’. Como seria do conhecimento geral, dado que o Bronze Hispânico (Bronze Final Hispano) teria as suas origens nos ‘Urnenfelder’ da Europa Central e desde a época Reinecke Hallstatt A / Bronze D já existiam vasos de bronze na Europa Central, que durante Hallstatt B teriam um perfil tão curvilíneo como o vaso de Berzocana, seria de o datar no século VIII. Rombos e triângulos com decoração interior já teriam ocorrido em Hallstatt A, mas ainda seriam vulgares em épocas mais tardias e em Espanha dever-se-ia datá-los depois da primeira invasão dos ‘Urnenfelder’, a qual teria ocorrido no século IX. Dever-se-ia datar um pouco mais tarde os ‘torques’ de Berzocana, que pertenciam seguramente aos mais antigos exemplares da rica série que a ourivesaria céltica da Espanha irá criar (“ciertamente, de las más antiguas de la rica série que creará la auriferia céltica de Espana”). Em qualquer dos casos, poder-se-ia datá-los como uma obra da primeira invasão dos ‘Urnenfelder’, conhecida por invasão céltica (“obra de la primera invasión de los campos de urnas, que conocemos como invasión céltica”).

Almagro Gorbea (1974) segue um outro caminho: os melhores termos de comparação para os ‘torques’ de Berzocana seriam os ‘torques’ de Hinguet en Vieux-Bourg-Quintin (que foram fundidos no século XIX e dos quais restam apenas dois desenhos, que aliás não coincidem). Segundo Briard partiriam do tipo Moulford, o qual consiste em arames de ouro torcidos. Uma parte dos colares do depósito de Hinguet seria uma imitação destes, em modelo maciço. Os restantes seriam mais desenvolvidos (precisamente aqueles que são comparáveis aos exemplares da Península Ibérica). Moulford foi datado por Hawkes no século XII. Deste modo, os colares ‘mais antigos’ de Hinguet seriam datados um pouco mais tarde, e os colares mais desenvolvidos

ainda mais, quer dizer, no século XI. Seria perfeitamente plausível que a versão ibérica dos 'torques' bretões date do século X. Os 'torques' de Berzocana deveriam por isso ter datação mais recente: o 'torques' mais simples, Berzocana 2, seria o mais antigo, o que seria sublinhado pelo facto de o seu padrão ter um aspecto muito gasto, seria portanto do século IX e Berzocana 1, do século VIII.

Em 1977 M. Almagro Gorbea vê o problema de outro modo: data a bacia de bronze, que ele considera de provável origem mediterrânica, para o que apresenta outros exemplos egípcios, no século VIII a.C. e adopta esta data como *terminus ante quem* para ambos os 'torques'. Com os mesmos argumentos de 1974 (e utilizando textualmente as mesmas palavras em certas passagens)¹³, defende agora a data do século XII/XI a.C. para Berzocana 2 e o século X para Berzocana 1.

Schauer (1983) também invoca modelos egípcios que permitem datar a bacia de bronze nos séculos XV-XII a.C. Ao datar as xorcas de ouro nos séculos XIII/XII, baseia-se contudo na cronologia das xorcas do tesouro francês, pois estes têm "uma cronologia absoluta do século XIII/XII a.C." e "esta cronologia é válida para as xorcas de Berzocana". Assim, Berzocana integra-se no conceito por ele defendido de uma "fase de influência egípcio-fenícia (fins do segundo milénio a.C.)" na Península Ibérica (Schauer, 1983, 176, 179).

Enquanto Callejo e Blanco (1960) e Almagro (1969) argumentam, em última instância, com a interpretação étnica 'torques = céltico', Almagro Gorbea adopta como ponto de partida da sua datação um aparente rudimento tipológico. Consideramos ambas as bases de argumentação não necessariamente correctas.

Se 'torques' (Halsring) fosse sinónimo de 'céltico', até os portadores da cultura de Aunjetitz teriam sido celtas. E se foi realmente o movimento migratório dos 'Urnenfelder', que introduziu celtas na Península Ibérica, isso não é de maneira nenhuma tão certo quanto M. Almagro defendeu. Em qualquer dos casos, estes argumentos não servem para estabelecer uma cronologia.

É igualmente legítimo duvidar da dedução tipológica das xorcas maciças de Hinguet a partir dos aros de arame como Moultsford, e subsequente datação relativa, e até absoluta, de determinadas peças, propostas por Briard (1965, p. 137). Assim, cairá pela base a teoria de que aqueles exemplares do tesouro de Hinguet que se assemelham mais às xorcas da Península Ibérica, seriam as mais recentes das peças que compõem este depósito¹⁴.

Da bibliografia citada sobressai claramente o seguinte: os paralelos invocados para a comparação e datação dos achados de Berzocana situam-se

¹³ Compare-se os textos Almagro-Gorbea (1974, p. 271) 2.º parágrafo a contar de baixo "La cronologia ..." e Almagro-Gorbea, 1977, p. 26, 1.º parágrafo a contar de baixo "La cronologia ...". Neste último texto não menciona nem com uma palavra as razões que o levaram a adoptar agora uma cronologia 200 anos mais elevada.

¹⁴ Schauer - com razão - ignora estas considerações de Almagro-Gorbea. O achado de Malassis (*Gallia Prehistoire*, 12, 1969, p. 37-73) por ele citado e englobado nas suas considerações, não é um bom termo de comparação com as xorcas da Península Ibérica. As xorcas 101 e 102, eventualmente também a 115 que quanto ao seu padrão se poderiam incluir, têm todas secção em D, e são de bronze.

todos para os 'torques' (e são eles, mais do que a bacia de bronze, que interessam para o caso de Baiões) na região atlântico-nórdica e não no Mediterrâneo.

Existem ainda outras comparações para as xorcas de Baiões e Berzocana que ainda não foram introduzidas na discussão, mas que parecem dignas de menção:

Trata-se dos 'aros com decoração de conjuntos de traços e triângulos' da região nórdica e da Idade do Bronze dos Hügellgräber da região do Danúbio (Ackermann-Grünwald, 1987; Hänsel, 1968, lista 93). Esses aros são, como se pode ver em alguns exemplos (fig. 6), muito semelhantes às xorcas de Baiões e Berzocana. A semelhança reside nos elementos decorativos, ou seja, conjuntos de traços seguidos de triângulos horizontais e a sua distribuição por zonas. As zonas ornamentadas encontram-se exclusivamente na parte exterior dos aros.

Estes aros foram encontrados principalmente na Polónia, na Checoslováquia, na Hungria e na Roménia. Existem casos isolados na Alemanha do Sul, na Áustria, na Suíça e na Itália (fig. 7)¹⁵.

É verdade que na maioria dos casos estes aros são braceletes, mas também existem, especialmente na Pomerânia Oriental, alguns exemplares maiores, que correspondem em tamanho aos 'torques' de Baiões e Berzocana. Existe semelhança não só no padrão da decoração, na forma e no facto de serem maciços e de secção circular, mas também em aparecerem frequentemente em número de dois ou mais, apresentando um padrão idêntico mas nem sempre igual. Bom exemplo disto são os aros do depósito de Rossenthin (Kersten, 1959, n.º 801).

A única diferença é que as xorcas da Europa do Norte, Central e Oriental são todas, sem excepção, de bronze e não de ouro como as da Península Ibérica e seus congéneres na França. D. Ackermann-Grünwald classifica as 'xorcas de bronze com decoração de conjuntos de traços e triângulos' em quatro variantes, segundo a configuração das extremidades: xorcas abertas com extremidades adelgaçantes e terminais direitos, xorcas abertas com extremidades em forma de aro, xorcas abertas com extremidades em forma de pata, e xorcas fechadas (Ackermann-Grünwald, 1985, p. 57). Esta autora é de opinião que as variantes não estão condicionadas cronologicamente (xorcas das diferentes variantes ocorrem conjuntamente) e que, dentro da sua área de trabalho, se deve procurar a origem da decoração na região do Mar Báltico. Daí se teriam expandido para o Sul, na região dos Cárpatos (Ackermann-Grünwald, 1985, p. 65).

As xorcas de bronze provêm na maioria dos casos de depósitos e só raramente de sepulturas. Pertencem a um horizonte cultural comparativamente bem definido: o do Bronze Nórdico Antigo (Ältere Bronzezeit) ou dos 'Hügellgräber'. A sua datação é discutida na medida em que se põe a questão, se terminam com o fim do Período I do Bronze Médio do Danúbio (= Hügellgräber), ou se perduram para além dele (cf. Benkovsky-Pivovarová, 1982, p. 4, 8 e 9; Schickler, 1974,

¹⁵ Os pormenores tipológicos e as pequenas diferenças entre estas xorcas dentro da vasta área de distribuição, não precisam de nos interessar. As xorcas mais semelhantes com as de Baiões e Berzocana encontram-se na região do Mar Báltico, principalmente as dos tesouros de Rossenthin, Lanckow e Ubedel, entre outros (cf. Kersten, 1958).

p. 712). Com base no seu carácter maciço são consideradas 'antigas'. Em qualquer dos casos, relativamente aos outros paralelos até à data invocados para datar Berzocana (e portanto Baiões) são mais antigas. A sua datação absoluta depende daquela que se atribui ao Bronze Nórdico ou à cultura dos

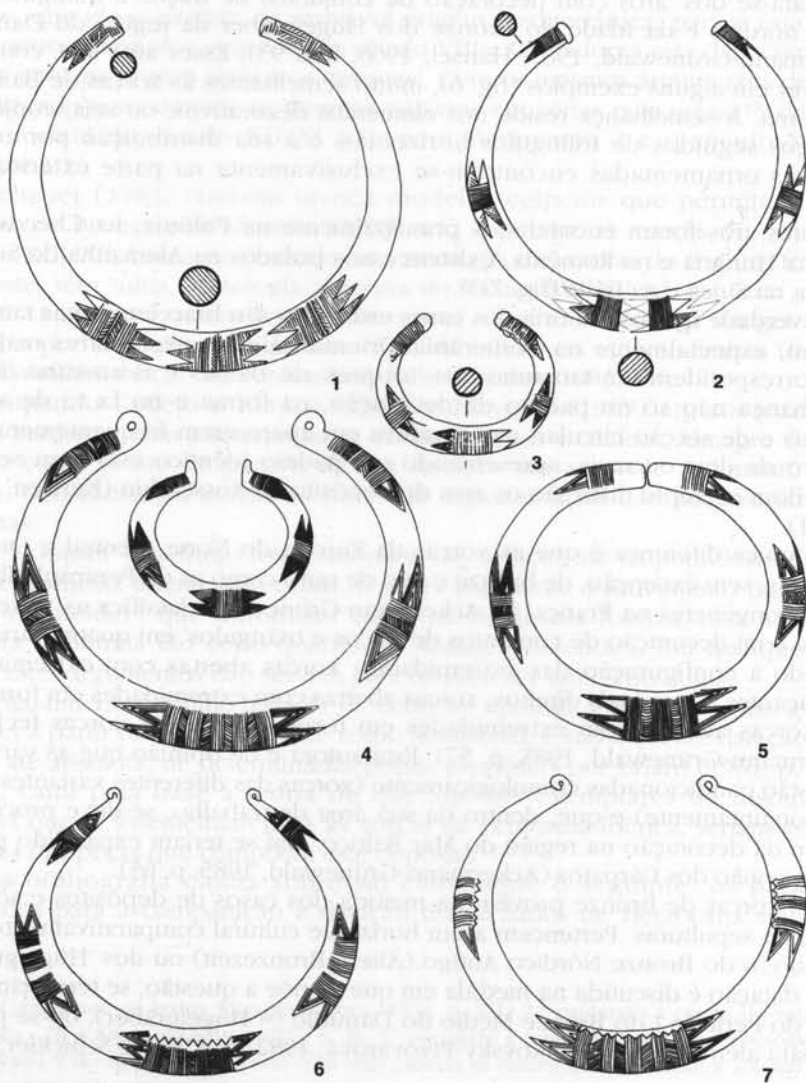


Fig. 6 – Xorcas de ouro de 1 - Berzocana 2. 2 - Baiões 2. Xorcas de Bronze de 3 - Wildeshausen. 4 - Lanckow. 5 - Ubedel. 6 e 7 - Rossenthin.

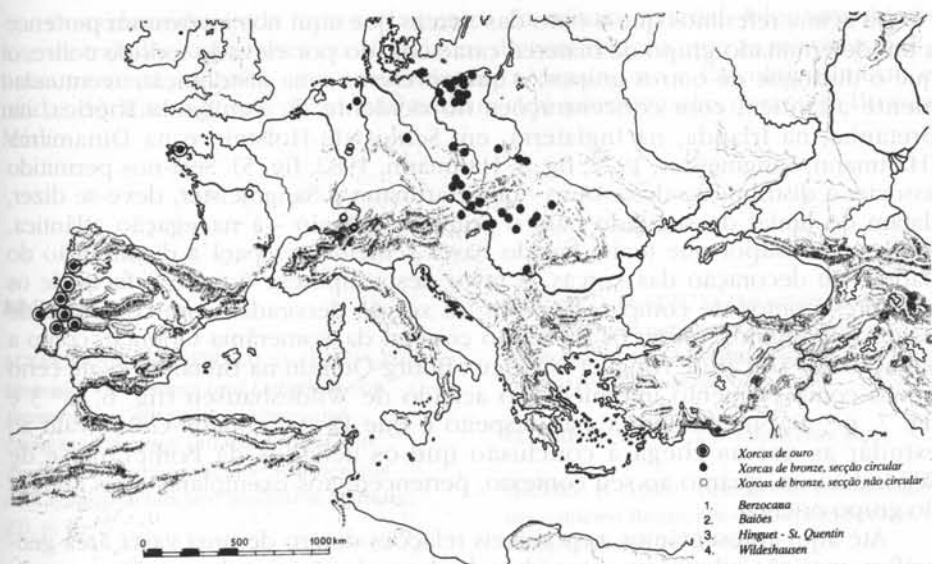


Fig. 7 – Distribuição dos aros com decoração de traços e triângulos (segundo bibliografia).

'Hügelgräber'¹⁶. De acordo com o estado actual das investigações, parece ser o início da segunda metade do segundo milénio a.C.

A tentativa de datar as xorcas de ouro da Península Ibérica recorrendo às xorcas de bronze da Europa Central e Oriental, a meu ver, é metodologicamente tão legítimo como a datação com base nos colares de Moulsoford ou dos Halskrägen de Randow e Ziemitz (Almagro-Gorbea, 1974, p. 274-276). Considero o padrão tão característico, que me parece improvável que tenha surgido independentemente um do outro, em dois pontos diferentes de um mesmo espaço geográfico que durante longos períodos da Pré-História estiveram em contacto mútuo, para depois ser aplicado igualmente em material quase idêntico, ou seja, em aros metálicos maciços de secção circular.

Nem Berzocana nem Baiões se opõem pelo seu contexto a uma datação tão antiga: Berzocana foi encontrada longe de qualquer contexto. Neste caso dever-se-ia eventualmente verificar, quanto à questão da data do seu depósito, até que ponto se poderia atribuir à bacia de bronze uma datação tão antiga. Schauer manifestou-se positivamente a este respeito. No caso de Baiões também não existe argumento contrário concludente: o achado pode muito bem ter sido enterrado independentemente da ocupação do local no Bronze Final, tanto mais que existem indícios de uma ocupação anterior.

¹⁶ Não me foi possível consultar trabalhos mais recentes relativos à cronologia absoluta do Bronze Nórdico e do Bronze dos 'Hügelgräber'. Sobre esta problemática cf. Schubert, 1974, p. 70 e 71, com mais bibliografia, e Petrasch, 1984.

Já acima referimos que o ouro das xorcas que aqui nos interessam pertence a um determinado grupo de material caracterizado por elevado teor de cobre, o que o distingue de outros grupos, e que apresenta uma distribuição acentuadamente atlântica, com concentrações no ocidente da Península Ibérica, na Bretanha, na Irlanda, na Inglaterra, em Schleswig-Holstein e na Dinamarca (Hartmann; Sangmeister, 1972, fig. 8; Hartmann, 1982, fig. 5). Seja-nos permitido associar a distribuição deste ouro - que Hartmann e Sangmeister, deve-se dizer, datam do limiar do segundo para o primeiro milénio - à navegação atlântica. Pode-se pressupor que tenha havido bases semelhantes para a distribuição do padrão de decoração das xorcas. A favor desta hipótese é tanto o facto de os melhores pontos de comparação com 'as xorcas decoradas com conjuntos de traços e triângulos' serem os da região costeira da Pomerânia Oriental, como a situação das xorcas de Hinguet em Vieux Bourg-Quintin na Bretanha e, até certo ponto como elemento intermédio, o achado de Wildeshausen (fig. 6, n.º 3 e fig. 7, n.º 3). Significativo a este respeito é que D. Ackermann-Grünwald ao estudar as xorcas chega à conclusão que os achados da Pomerânia e de Wildeshausen, quanto ao seu contexto, pertencem aos exemplares mais antigos do grupo oriental.

Até aqui apresentámos as possíveis relações dentro de uma vasta área geográfica, mas não adquirimos uma ideia das bases histórico-culturais. Deste modo mantém-se em aberto uma série de questões: por que será, por exemplo, que na Europa Ocidental os motivos decorativos característicos foram aplicados em xorcas de ouro - 'torques' grandes e pesados - enquanto no Norte e na Europa Central os mesmos motivos foram aplicados sempre em bronze - braceletes e xorcas? Também a falta de rombos reticulados nas xorcas europeias em oposição às da Península Ibérica fica por esclarecer, bem como a questão de na Europa Oriental não se ter desenvolvido uma decoração tão rica como em alguns casos na Península Ibérica.

Hartmann e Sangmeister consideram possível que o ouro pertencente ao grupo N tenha sido comerciado de uma região ainda desconhecida da Europa Oriental, via Mar Báltico e Mar do Norte, para a região atlântica até à Espanha (Hartmann/Sangmeister, 1972).

Esta teoria é contrariada pelo volume e pela quantidade de ouro contida em cada uma das jóias espanholas e portuguesas, e pela riqueza natural do ocidente da Península Ibérica em ouro (cf. Schüle, 1976). Por esta razão seria mais de admitir que o ouro provenha da Península Ibérica, donde seria exportado por via marítima para as regiões onde ele não existia, eventualmente sob a forma das nossas xorcas, e onde seria refundido e utilizado para produzir jóias menos maciças e de outro tipo.

Com tudo isto, ainda não encontramos as causas concretas para a semelhança de motivos decorativos tão característicos como são os conjuntos de traços seguidos de triângulos horizontais, em peças provenientes de regiões tão espaçadas entre si, como são as xorcas de ouro do Ocidente atlântico e as xorcas de bronze do Norte e Oriente da Europa. É metodologicamente correcto interpretar esta semelhança como indício cronológico; para modelos que avancem para maior pormenorização, temos que ter em conta ainda alguns momentos, como seja a posição cronológica relativa das peças do grupo oriental entre si, já abordada acima. Importa igualmente estudar pormenores técnicos em ambos os grupos, bem como verificar, em que medida é legítimo tomar em conta motivos decorativos em peças de outras zonas.

Considerando ainda outros elementos da cultura material, julgo uma hipótese de trabalho com fortes possibilidades de confirmação, que as relações marítimas na costa atlântica, incipientes desde o Megalitismo e Calcolítico Inicial, e nítidas durante o Bronze Final, não tenham sido interrompidas durante o Bronze Médio.

Bibliografia

- ACKERMANN-GRÜNEWALD, D. (1987) - *Zur Herkunft, Verbreitung und Datierung von Bronzeringen mit Strichgruppen- und Dreiecksverzierung. Untersuchungen zur Bronzezeit*. Marburg. (Kleine Schriften aus dem Vorgeschichtlichen Seminar in Marburg; 22). p. 55-79.
- ALMAGRO-BASCH, M. (1967) - *Inventaria Archaeologica*. Madrid. Fasc. 7, E. 11.
- ALMAGRO-BASCH, M. (1969) - *De orfebreria celtica: el depósito de Berzocana y un brazalete del Museo Arqueológico Nacional*. «Trabajos de Prehistoria». Madrid. N.S., 26, p. 275-294.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1974) - *Los tesoros de Sagrajas y Berzocana y los torques de oro macizo del occidente peninsular*. In «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto, 1973». Porto, p. 259-282.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura*. Madrid: C.S.I.C. (Bibliotheca Praehistorica Hispana; vol. 14).
- BENKOVSKY-PIVOVAROVÁ, Z. (1982) - *Zur Frage der Stufe Bronzezeit A3 und der älteren danubischen Mittelbronzezeit (MD I) in der Slowakei*. «Germania». Frankfurt. 60, p. 1-12.
- BRIARD, J. (1965) - *Les dépôts bretons et l'âge du bronze atlantique*. Rennes.
- CALLEJO, C.; BLANCO, A. (1960) - *Los torques de oro de Berzocana (Cáceres)*. «Zephyrus». Salamanca. 11, p. 250-255.
- CARDOZO, M. (1957) - *Das origens e técnica do trabalho do ouro e sua relação com a joalheria arcaica peninsular*. «Revista de Guimarães». Guimarães. 67, p. 5-46.
- ELUËRE, C. (1987) - *L'Ors des Celtes*. Paris.
- HÄNSEL, B. (1968) - *Beiträge zur Chronologie der mittleren Bronzezeit im Karpatenbecken*. Bonn. (Beiträge zur ur- und frühgeschichtlichen Archäologie des Mittelmeer-Kulturreums; 7).
- HARTMANN, A. (1979) - *Irish and British gold types and their Western European counterparts*. In «Proceedings of the fifth Atlantic Colloquium». Dublin, p. 215-228.
- HARTMANN, A. (1982) - *Prähistorische Goldfunde aus Europa II. Spektralanalytische Untersuchungen und deren Auswertung*. Berlin. (Studien zu den Anfängen der Metallurgie; 5).
- HARTMANN, A.; SANGMEISTER, E. (1972) - *The Study of Prehistoric Metallurgy*. «Angewandte Chemie». International Edition. 11(7), p. 620-629.
- HAWKES, C. F. C. (1971) - *The Sintra gold collar*. «The British Museum Quarterly». 35, p. 38-50.
- JALHAY, E. (1931) - *O tesouro de Álamo (Moura, Alentejo)*. Brotéria. Lisboa. 12, p. 35-44.
- KALB, P. (1977) - *Uma data C14 para o Bronze Atlântico*. «O Arqueólogo Português». Lisboa, S. 3, 7-9, p. 141-144.
- KALB, P. (1978) - *Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf einer*

- Höbenseniedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. «Madrider Mitteilungen». Heidelberg, 19, p. 112-138.
- KALB, P. (1979) - *Contribución para el estudio del Bronce Atlántico: Excavaciones en el castro "Senhora da Guia" de Baiões (concelho de S. Pedro do Sul)*. In «Cronica del XV Congreso Arqueológico Nacional, Lugo 1977». Zaragoza, p. 581-590.
- KERSTEN, K. (1958) - *Die Funde der Älteren Bronzezeit in Pommern*. Hamburg. (Beiheft zum Atlas der Urgeschichte); 7.
- MAIER, R.-A. (1988) - *Frühbronzezeitliche Ösenhalsring-Sätze von gestaffelter Größe aus Quellbächen und Mooren Südbayerns. «Germania»*. Frankfurt. 66.
- PARREIRA, R.; PINTO, C. V. (1980) - *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo.
- PETRASCH, J. (1984) - *Die absolute Datierung der Badener Kultur aus der Sicht des süddeutschen Jungneolithikums. «Germania»*. Frankfurt. 62, p. 269-287.
- REINACH, S. (1925) - *The Évora Gorget*. «The Antiquaries Journal». 5, p. 123-134.
- SCHAUER, P. (1983) - *Orient im spätbronze- und früheisenzeitlichen Occident. Kulturbeziehungen zwischen der Iberischen Halbinsel und dem Vorderen Orient während des späten 2. und des ersten Drittels des 1. Jahrtausends vor Chr.. «Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums»*. Mainz. 30, p. 175-194.
- SCHICKLER, H. (1974) - *Recensão de B. Hänsel, Beiträge zur Chronologie. «Fundberichte aus Baden-Württemberg»*. 1, p. 705-734.
- SCHUBERT, E. (1974) - *Studien zur frühen Bronzezeit an der mittleren Donau. «Bericht der Römisch-Germanischen Kommission»*. Berlin. 54, p. 1-106.
- SCHUCHHARDT, C. (1914) - *Der Goldfund vom Messingwerk bei Eberswalde*. Berlin.
- SCHUCHHARDT, C. (1943) - *Vorgeschichte von Deutschland*. 5 Auflage. Berlin. 132 und bes. 171.
- SILVA, A. R. P. da (1976) - *Carbonized grains and plant imprints in ceramics from the castrum of Baiões (Beira Alta, Viseu, Portugal)*. «Folia Quaternaria». Kraków. 47, p. 3-9.
- SILVA, C. T. da (1979) - *O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul)*. «Beira Alta». Viseu. 38(3), p. 509-531.
- SILVA, C. T. da (1980) - *Contribuição para o estudo da cultura castreja na Beira Alta*. In «Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular». Barcelos, p. 171-181, vol. 2.
- SILVA, A. C. F. (1986) - *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, A. C. F.; SILVA, C. T. da; LOPES, A. B. (1984) - *Depósito de fundidor do Final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu)*. «Lucerna». Porto. N.º extr. de homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, p. 73-110.
- VASCONCELOS, J. L. de (1986) - *Xorca de ouro*. «O Arqueólogo Português», Lisboa, 2, p. 17-24.
- O Arqueólogo Português, Série IV, 8/10, 1990-1992, p. 259-276*